



## O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PARA PROBLEMATIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS SEXUAIS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID PEDAGOGIA GÊNERO E SEXUALIDADE

Claudinéia da Conceição Ferreira Assis Malta<sup>1</sup>  
Kátia Batista Martins<sup>2</sup>

### Resumo

O cinema como aparato cultural tem sido cada vez mais utilizado pela escola como estratégia para desencadear reflexões diversas. Ele está dentro e fora da escola, e pode se tornar importante ferramenta para a problematização, informação e denúncias diversas. Assim, o Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, da Ufla, por meio de vivências pedagógicas tem utilizado aparatos como disparadores da fala das crianças e adolescentes. Na vivência em tela, foi utilizado o filme Anjos do Sol para problematizar as violências que crianças e adolescentes estão expostas. Por meio do filme foram instigados a refletir e dialogar sobre as violências sexuais. A discussão apontou que esse é um assunto ainda pouco explorado e às vezes até silenciado nas escolas, mas, presente no cotidiano desses adolescentes.

**Palavras chave:** Aparatos culturais. Sexualidade. Pibid pedagogia. Cinema. Anjos do sol.

### Caminhos navegados

Ao ter contato com a teoria pós-estruturalista, por meio do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, muitas estudantes foram instigadas a colocarem as verdades em suspeição, passando a questionar sua atuação no mundo como pessoas e como educadoras.


Por meio dos estudos realizados no Pibid Pedagogia, as estudantes tiveram um encontro com o filósofo Michel Foucault que, entre muitos conceitos e perpassando diversas áreas do saber, discute as relações de poder.

Nesses navegares, de forma simbólica e metafórica a professora Cláudia Ribeiro nos convida a navegar pelas águas de gênero e sexualidade. O conceito de gênero é um conceito importante, científico que alavancou com os estudos feministas. As relações de gênero são um dos temas essenciais que percorrem a formação do indivíduo da sociedade moderna.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia. Universidade Federal de Lavras. Bolsista do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade 2013-16. neiamalta73@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Coordenadora Adjunta do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade (2016-18). Universidade Federal de Lavras. Integrante do grupo de pesquisa: relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, e o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Infâncias e Educação Infantil - Nedi. katiapedagogiaufcla@gmail.com





Diariamente nos deparamos com modelos que mostram como essas relações acontecem. É pertinente ressaltar a grande influência que o meio social exerce sobre os indivíduos.

No que se refere à sexualidade, ela está representada de formas diversas nos aparatos culturais, seja na mídia, digital, impressa, fílmica, propagandas e anúncios comerciais, que muitas vezes reproduzem uma imagem deturpada da mulher e da sexualidade. Desse modo, muitos dos discursos veiculados ditam padrões idealizados de valores, comportamentos e formas de como ser e de como não ser homem ou mulher.

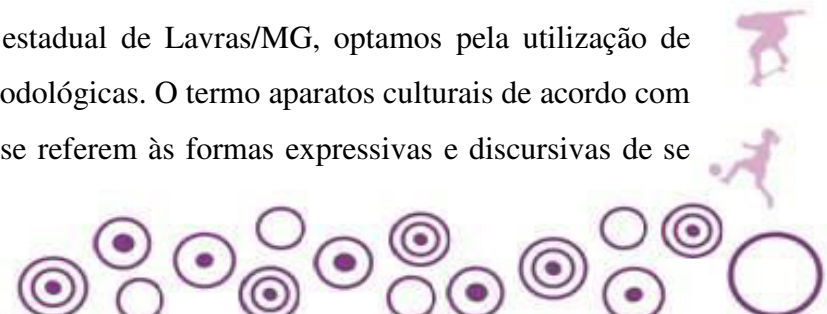
Logo, esses discursos, na maioria das vezes, são fatores determinantes do desempenho dos papéis sexuais e de gênero esperado e projetado para meninos e para meninas. Como apontam análises de estudos anteriores (SAFFIOTI, 2004), essas determinações são fruto de uma sociedade machista e patriarcal, na qual o homem é tido como centro das relações sociais. Assim, percebe-se ainda a predominância de um sexo sobre o outro.


[...] na maioria dos países, meninas apresentam maior risco do que meninos para o infanticídio, abuso sexual, negligência física e nutricional, assim como para a prostituição forçada. [...] (DAYL et al., 2003, p. 15, apud MARTINS, 2016, p. 251).

Desse modo, uma das preocupações do Pibid Pedagogia, foi problematizar papéis sociais estereotipados pelos discursos diversos, muitas vezes com origem conservadora e fundamentalista. Compreender e enfrentar o fenômeno das diversas formas de violências a que estão expostas crianças e adolescentes, sejam elas, físicas, psicológicas, sexuais, exploratórias entre tantas outras formas recorrentes na sociedade, é um imenso desafio. Um assunto paradoxal e complexo que geralmente é tratado como algo proibido e evitado por todos/as.

Segundo o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG): “Os abusadores, na maioria das vezes, são pessoas aparentemente normais e do círculo de confiança das crianças e adolescentes, como familiares” [...] (MPMG / Cartilha Todos Contra a Pedofilia, 2013. p.26). Desse modo, para discutir essas questões no âmbito da escola, faz-se necessário conhecer o tema. É nesse contexto que o Pibid/Pedagogia aborda as questões referentes a gênero e as sexualidades. Sexualidades no plural, [...] “para (de)marcar a multiplicidade, isto é, focando na questão desafiadora de que somos diferentes, diversos e múltiplos, como pessoas e, portanto, como homens e mulheres” (RIBEIRO; SILVA, 2010, p. 1).

Tendo como finalidade trabalhar essas temáticas com os/as estudantes dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual de Lavras/MG, optamos pela utilização de aparatos culturais como ferramentas metodológicas. O termo aparatos culturais de acordo com os estudos culturais pós-estruturalistas, se referem às formas expressivas e discursivas de se





veicular informações nas quais se descrevem diversos grupos culturais (SILVA, 2011, apud MARTINS, 2016, p. 52).

Partindo dessa premissa os aparatos culturais podem ser filmes, músicas, vídeos, textos, obras literárias, programas de rádio ou TV, materiais didáticos entre tantas outras formas de expressão e veiculação de discursos e informações que se fazem presentes no cotidiano dos/as adolescentes. Tais aparatos auxiliam ou mesmo trazem em suas apresentações diversas questões sociais, podendo assim fomentar discussões, problematizações, análises e a possível formulação de novos paradigmas.

### **Mergulhos necessários**

No conjunto de leis que tem por finalidade a defesa e proteção de crianças e adolescentes temos principalmente a Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 227 define que:

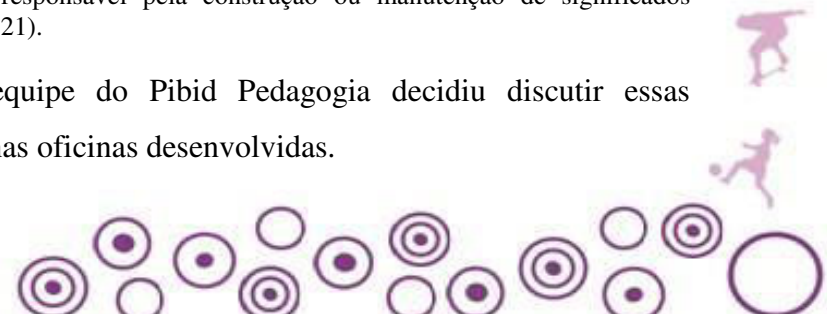
[...] é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A preocupação foi reforçada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei nº 8.069, de 13 de julho 1990. Ao constituir, pela primeira vez, a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, o ECA fez surgir a necessidade de implementação de serviços que respondessem pelas demandas cada vez mais aparentes relacionadas ao contexto das crianças e adolescentes.

Logo, se faz necessária a criação e articulação de uma rede de proteção, para que estes direitos e serviços voltados a crianças e adolescentes sejam garantidos e efetivados. Ribeiro e Alvarenga (2016) destacam que sujeitos que atuam em áreas diferentes devem prezar por ações diferentes, porém integradas e em sinergia, entre essas áreas citam: “[...] áreas da saúde – Estratégia Saúde da Família (ESF), Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf), educação formal e não formal – escolas de todos os níveis de ensino, projetos sociais, famílias [...]” (RIBEIRO ALVARENGA, 2016, p. 271).

[...] a escola como espaço de combate à violência sexual é palco de grande importância no processo de inclusão social. Juntamente com outras organizações da sociedade civil, é responsável pela construção ou manutenção de significados (BRASIL, 2011. p 121).

Partindo dessas premissas a equipe do Pibid Pedagogia decidiu discutir essas temáticas, utilizando aparatos culturais nas oficinas desenvolvidas.





## Como navegar?

Para iniciar a discussão acerca das violências contra crianças e adolescentes foi realizada uma oficina sobre o tema. Por oficina no contexto sociocultural em que nos dispusemos a trabalhar, entendemos como um espaço coletivo no qual acontece desconstrução e (re)construção de saberes no compartilhar de experiências, estimulando a reflexão sobre o que as pessoas envolvidas fazem em seu cotidiano (CANDAUI, 1999).

Como disparador para as discussões e problematizações entre os adolescentes e integrantes do Pibid, foi criteriosamente selecionado o filme nacional “Anjos do sol”, sendo exibido para 70 adolescentes de 14 a 17 anos e 4 professores/as.

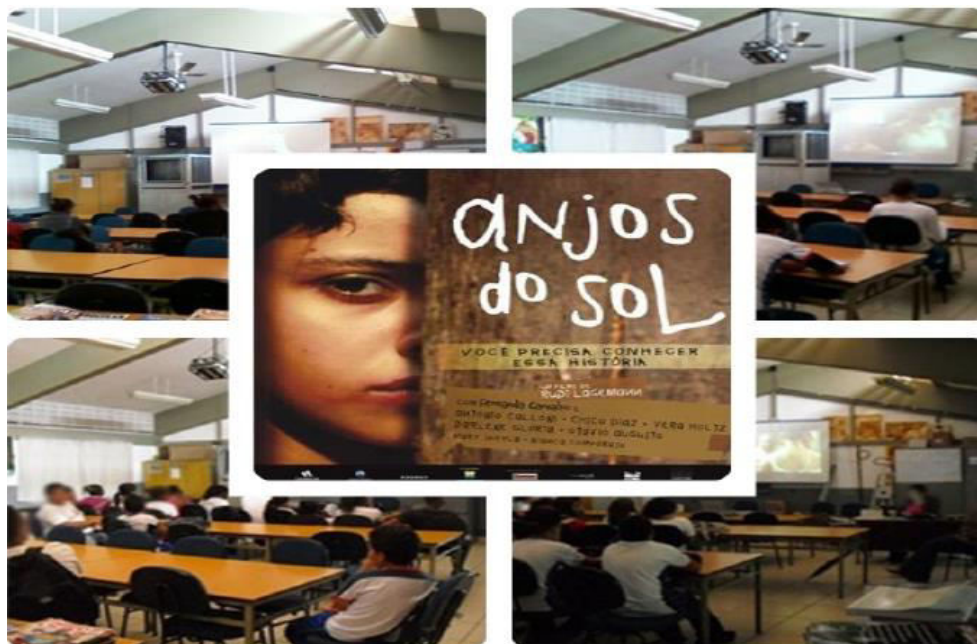
O cinema, como aponta a pesquisadora Guacira Louro (2008), é uma importante instância pedagógica da contemporaneidade. Por meio do imaginário apresentado na tela podem ser despertadas em nós sensações e reflexões que nos aproximam das imagens e histórias narradas e apresentadas na tela.

Assim, as produções cinematográficas podem constituir-se em importantes estratégias para discussões de problemas sociais que se encontram na realidade e no cotidiano dos expectadores. Podendo então ser utilizadas nos mais diferentes ambientes e situações onde se queira fazer esse trabalho, incluindo os ambientes escolares, meios privilegiados para discussões e produção de conhecimentos.

Depois de assistir o filme foram feitos debates e discussões, procurando abordar de forma clara e aberta todas as questões que o filme trata, e todas as outras que emergiram, e que mesmo fazendo parte do cotidiano como as doenças sexualmente transmissíveis, ainda são pouco conhecidas ou permeadas por informações errôneas.



Figura 1 - Oficinas realizadas na escola



Fonte: Arquivo pessoal

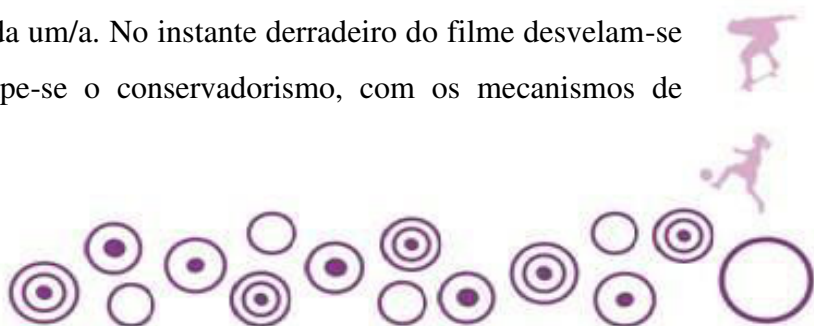
O filme *Anjos do Sol*, dirigido por Rudi Lagemann (2006), conta a saga de uma menina chamada Maria, de quase doze anos, que é vendida pela sua família, pressupondo que a garota estaria indo viver em um lugar melhor, e não imaginavam que ela acabaria em um prostíbulo.


Após a exibição do filme, foram disponibilizados materiais para que os/as estudantes pudessem transpor para o papel seu entendimento e sentimentos acerca dos temas que lhes foram apresentados.

### **Borbulhas efervescentes que emergem**

Nosso objetivo foi promover o conhecimento e a conscientização sobre esse tipo de violência, problematizando o tema e mostrando a importância da denúncia para que haja eficácia no cumprimento das leis. O filme traz uma visão realista do mundo, mostrando um choque de realidade a pessoas que estão acostumadas com filmes de final feliz.

À medida que o filme avançava, crescia uma forte revolta entre os/as estudantes que chegaram às lágrimas sussurrando: “*malditos! vocês têm que morrer*”. Aos poucos o silêncio invadiu o recinto, foi então que percebemos que o filme tocou a sensibilidade de todos/as despertando sentimentos diversos em cada um/a. No instante derradeiro do filme desvelam-se as realidades da violência sexual, rompe-se o conservadorismo, com os mecanismos de





sujeição, quebra-se o silêncio enquanto os sofridos relatos trazem à tona a dura realidade de quem sentiu na pele essa dor.

Todos/as relataram histórias diversas, envolvendo temáticas levantadas pelo filme, havendo assim, uma forte relação da ficção com a realidade. Uma adolescente relatou que a prima de 16 anos havia sido violentada por um idoso, que ao ser preso disse à polícia: *“A culpa foi da garota que me seduziu usando uma saia branca curtíssima com aquelas pernocas de fora, ela tava pedindo para ser comida; eu não resisti e ela teve o que pediu, moça direita não anda pelada desse jeito pela rua, sabe como é né, sou homem, a carne é fraca e sendo idoso não consigo controlar meus impulsos.”*

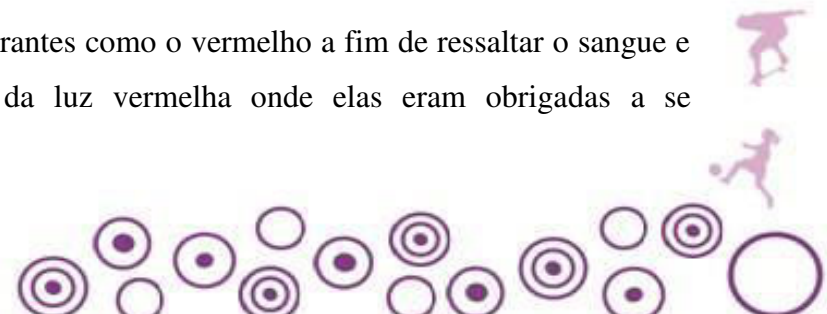
A emoção tomou conta do grupo. Com os ânimos menos exaltados, a estudante revelou que a história teve um trágico desfecho, sua prima passa por sérios problemas psicológicos.


“A violência sexual contra crianças e adolescentes, principalmente entre crianças até 9 anos de idade, é o segundo principal tipo de violência, ficando pouco atrás apenas para as notificações de negligência e abandono” (BRASIL, 2015 apud MARTINS, 2016, p. 253). Por esses, e tantos outros motivos, é que a luta contra a exploração sexual de crianças e adolescentes deve se intensificar a cada dia. A escola, como integrante da rede de proteção tem papel fundamental na prevenção e combate das violências, bem como do respeito às diferenças e promoção da diversidade.

### **Borbulhas que não tem fim...**

Navegamos nesse texto em águas sombrias e agitadas, mas necessárias para atracarmos o barco. Assim como as navegações passam por águas diversas, mergulhamos com os adolescentes em temas nebulosos, que causam dor e sofrimento, mas necessários para que esses não embarquem em discursos enganosos.

Os resultados alcançados foram considerados satisfatórios ao perceber as reflexões, questionamentos e contribuições que emergiram dos/as estudantes acerca do filme e da temática apresentada. O conhecimento construído por eles durante as discussões, levou-os/as a conclusão de que é preciso haver mais espaços de discussão nos espaços da escola. Por meio dos desenhos produzidos, tiveram a oportunidade de pensar e refletir, problematizar e se posicionar de forma crítica em relação as temáticas abordadas no filme. As cenas mais fortes foram expressas no papel com cores vibrantes como o vermelho a fim de ressaltar o sangue e a maquiagem das meninas, na casa da luz vermelha onde elas eram obrigadas a se prostituírem.





Algumas pessoas disseram já ter assistido ao filme antes e confessaram que se divertiram com as “sacanagens” chegando a chamar as meninas de safadas e que agora não pensam mais assim, pois depois da problematização tiveram a oportunidade de analisar o texto e o contexto, formando assim uma visão diferente. A informação e a conscientização são armas poderosas na prevenção e no combate às violências e as denúncias conseguem romper as barreiras do silêncio. Gostaríamos que o filme fosse ficção, mas já que retrata uma realidade brasileira que sirva de alerta para o mundo inteiro proteger nossas crianças e adolescentes.

Desconstruímos a ideia de que o homem é quem detém o poder e que a mulher deve ser submissa. Mostramos aos e às estudantes que ser diferente não significa ser melhor ou pior do que o outro. Levamos para eles e elas, a noção que independente do sexo ao qual pertencem, menino e menina têm condições de desempenhar diferentes papéis e todos devem ter oportunidade de ressignificar os papéis sexuais que lhe forem atribuídos com seus direitos assegurados por lei e cumpridos por toda a sociedade.

## Referências

ANJOS do Sol. Direção: Rudi Lagemann. Produção: Luiz Leitão de Carvalho, Juarez Precioso, Rudi Lagemann. Brasil, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Benedito Rodrigues dos Santos, Rita Ippolito. Seropédica, RJ: EDUR, 2011.

Disponível em:

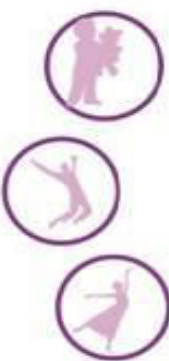
<[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/guiaescolar/guiaescolar\\_p120\\_123.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/guiaescolar/guiaescolar_p120_123.pdf)> Acesso em: 17 jun. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069Compilado.htm)>. Acesso em: 14 jul. 2017.

BRASIL. Ministério Público de Minas Gerais (MPMG). **Todos contra a Pedofilia. Algumas informações para os pais ou responsáveis**. CPI Contra a Pedofilia. 3. ed. 2013.

LOURO, Guacira L. Cinema e Sexualidade. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 81-98 jan./jun. 2008. Disponível em:





<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6688/4001>> Acesso em: 29 out. 2017.

MARTINS, Kátia B. Borbulhando memórias sobre violências sexuais: educação para as sexualidades e gênero. In: RIBEIRO, C. M; ALVARENGA, C. F. (Org.) **Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas**. Lavras: Editora UFLA, 2016.

RIBEIRO, Cláudia M.; SILVA, Ricardo C. Saberes, poderes verdades: Imbricando rizomaticamente gêneros, sexualidades e e(e)ducação. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Luciene A.; RIBEIRO, Maria F. Tecendo redes de proteção, saberes e poderes para o enfrentamento às violências Sexuais. In: RIBEIRO, C. M; ALVARENGA, C. F. (Org.) **Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas**. Lavras: Editora UFLA, 2016.







UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

